

Uma viagem pelos mundos secretos da infância: morte e eternidade em Cecília Meireles

Yara Máximo de Sena¹

Resumo

Cecília Meireles, além de grande poetisa, tem importante obra em prosa, da qual se destaca para este artigo o livro sobre suas memórias de infância *Olhinhos de Gato*. Publicado inicialmente em capítulos na revista portuguesa *Ocidente*, nos anos de 1939 a 1940, *Olhinhos de Gato* mostra a leitura que a escritora faz de sua infância, revelando marcas fundamentais de sua obra como a efemeridade, a eternidade e a fugacidade. Analisa-se o refrão da morte, presente neste livro de memórias, categorizando a morte como experiência, como sobrevivência e como superação, dialogando com outras fontes, como excertos de crônicas publicadas pela escritora no *Diário de Notícias*, nos anos 1930, e uma entrevista realizada por Fagundes de Menezes publicada na revista *Manchete*.

Palavras-chave

Cecília Meireles; *Olhinhos de Gato*; memória; infância; morte.

Cecília Meireles², poetisa, jornalista, cronista, viajante, professora, intelectual, mulher e órfã. Perdeu o pai antes de seu nascimento e, alguns anos depois, a mãe e os três irmãos, de quem não tem lembranças. São a orfandade e a sensação de deslocamento os sentimentos que configuram sua obra como um signo da perda, de uma distância da família que ela povoa com jogos de infância as memórias fragmentadas.

É mais conhecida por sua obra poética; entretanto, também é significativa sua obra em prosa, da qual escolhemos, como inspiração maior para este artigo, a narrativa, pouco conhecida e explorada,

Abstract

Cecília Meireles, besides being a great poet, has an important work on prose, from which emphasizes for this article the book *Olhinhos de Gato*. Originally published in the portuguese magazine *Ocidente* between the years of 1939 and 1940, *Olhinhos de Gato* exposes the writer's reading of her own childhood, revealing fundamental key marks of her work as ephemerality, eternity and fugacity. Analysis of the chorus of death, presented in this book of memories, categorizing death as an experience, as surviving and as overcoming, correlating with other sources such as chronics published by the author in *Diário de Notícias*, in the 30's, and an interview by Fagundes de Menezes, published in the *Manchete* magazine (1953).

Keywords

Cecília Meireles; *Olhinhos de Gato*; memory; childhood; death.

sobre suas memórias de menina *Olhinhos de Gato* (1983); tomamos também a entrevista realizada por Fagundes de Menezes com a escritora em 1953, publicada na revista *Manchete*; algumas crônicas de Cecília Meireles publicadas nos anos 1930 no *Diário de Notícias* no Rio de Janeiro; e também alguns de seus poemas.

Todas as recordações de infância que Cecília cita na entrevista a Fagundes de Menezes estão poeticamente escritas em *Olhinhos de Gato*, e o que nos chama a atenção é justamente o refrão da morte, encontrado nos treze capítulos que compõem essas memórias. Para refletir sobre o tema da Morte, sobre o Eterno e o Efêmero, tão presentes em

¹ Mestranda em Educação pela FE/Unicamp. E-mail: yarasena@hotmail.com

² 1901-1964.

sua vida e em sua obra, tomamos estas diversas fontes: memórias, crônicas, entrevista e alguns de seus poemas.

Olhinhos de Gato foi inicialmente publicado na revista portuguesa *Ocidente*, em onze capítulos, durante os anos de 1939 e 1940. É uma narrativa autobiográfica, em que as personagens principais recebem carinhosamente cognomes como: Boquinha de Doce, a avó materna Jacinta; Dentinho de Arroz, sua ama; e a própria Cecília, que é *Olhinhos de Gato*.

Não se sabe quando essas memórias foram escritas, há apenas a certeza do ano em que foram publicadas. É interessante salientar que o ano em que foram divulgadas pela primeira vez coincide com um momento bastante difícil da vida da escritora. Nesse período de sua vida, ela já havia sofrido com as mortes de sua avó e de sua ama, convivia com a dor do suicídio do marido, o artista plástico português Correa Dias, e se mudara para um apartamento bem pequeno, com as três filhas ainda crianças. O Centro de Cultura Infantil do Pavilhão Mourisco, que foi um dos seus grandes sonhos, fora fechado, sendo acusado, pelo governo de Getúlio Vargas, de oferecer literatura comunista para a infância. E ela ainda temia perder seu trabalho como professora na universidade. Como afirma Neves (2001):

É talvez no território do sofrimento então vivido que Cecília pode ter encontrado força e audácia, se não para escrever, ao menos para tornar público o universo de sua infância dolorida, fazendo ecoar nesses retalhos de memória de tempos pretéritos o turbilhão do presente vivido. Porque, como nos ensina Paolo Rossi, desde Aristóteles sabemos que “a recordação implica um esforço deliberado da mente, é uma espécie de escavação ou busca voluntária por entre os conteúdos que guardamos na alma”.³

A obra *Olhinhos de Gato* revela a leitura que Cecília faz de sua infância, indicando marcas que são fundamentais em sua obra poética, com relação à efemeridade, à eternidade e à fugacidade; e, na obra em prosa, nos conceitos de infância e de criança. Há uma mistura de temporalidades: uma autora adulta que conta suas memórias de infância, a partir de fragmentos de lembranças, que não se sabe se

contados a ela ou de real memória. Funde-se o vivido e o ouvido. Ora emerge o real, ora o imaginário. E é a construção da memória de um outro tempo por uma autora adulta que é reconhecida como poetisa.

Lembranças de um tempo vivido com intensidade poética: a morte como experiência

Nasci aqui mesmo no Rio de Janeiro, três meses depois da morte de meu pai, e perdi minha mãe antes dos três anos. Essas e outras mortes ocorridas na família acarretaram muitos contratempos materiais, mas, ao mesmo tempo me deram, desde pequenina, uma tal intimidade com a Morte que docemente aprendi essas relações entre o Efêmero e o Eterno que, para outros, constituem aprendizagem dolorosa e, por vezes, cheia de violência. Em toda a vida, nunca me esforcei por ganhar nem me espantei por perder. A noção ou sentimento de transitoriedade de tudo é o fundamento mesmo da minha personalidade (MENEZES, 1953, p. 49).

Nesse excerto, Cecília Meireles sugere que a sua orfandade não lhe acarretou apenas contratempos financeiros, mas permitiu que ela desenvolvesse um relacionamento ímpar com a morte, com a ideia de eterno, de efêmero e de transitório. É um indício de como a escritora tem sua vida atrelada a perdas significativas, à experiência adquirida através das mortes, o que é fundamental para compreender Cecília.

Em uma crônica escrita para o jornal *Diário de Notícias*, no qual a escritora tinha uma “Página de Educação” diária, ela explicita como a infância teve um papel fundamental para sua história:

Nós somos a saudade da nossa infância. Vivemos dela, alimentamo-nos do seu mistério e da sua distância. Creio que são eles, unicamente, que nos sustentam a vida, com a essência da sua esperança. [...] As coisas que nos impressionaram vivamente quando ainda não podíamos definir os motivos da nossa surpresa e da nossa admiração, quando nem sabíamos distinguir nitidamente essa admiração e essa sur-

³ Rossi, P. Il passato, la memoria, l'oblio. Bolonha: Il Mulino, 1991. p. 13.

presa, deitaram raízes obstinadas nas mais profundas regiões subjetivas; depois, foram sendo elaboradas lentamente, e vieram à tona em dias inesperados, afluindo, muitas vezes, em fragmentos – porque há sempre mãos impiedosas, concretas ou abstratas pairando sobre os destinos humanos... Somos, assim, um outrora que se faz presente todos os dias, não porque o presente seja a sua forma desejada como definitiva, mas porque é a transição a que a natureza submete tudo quanto transborda para mais longe, no tempo, e o crivo em que é vertido o passado que se faz futuro (MEIRELES, 20 dez. 1930).⁴

Cecília mostra-nos como as vivências da infância se enraízam profundamente em nós e determinam a forma como nos integramos com a vida; são fundadoras de nós, de nossa existência. O passado se faz, inesperadamente, presente e futuro, em fragmentos que emergem de regiões subjetivas. Em seu caso, a infância foi uma época mágica em sua vida, através da educação que recebeu da avó materna, Jacinta, e da ama Pedrina, vivendo num mundo povoado de histórias fantásticas, musicalizado e cheio de sensações. Ela afirma:

Se há uma pessoa que possa, a qualquer momento, arrancar de sua infância uma recordação maravilhosa, essa pessoa sou eu. Já principiei a narrativa dessa infância num pequeno livro de memórias, aparecido numa revista portuguesa, com o título *Olhinhos de Gato*. Mas há muito para contar. Tudo quanto, naquele tempo, vi, ouvi, toquei, senti – perdura em mim com uma intensidade poética inextinguível. Não saberia dizer quais foram as minhas impressões maiores. Seria a que recebi dos adultos tão variados em suas ocupações e em seus aspectos? Das outras crianças? Dos objetos? Do ambiente? Da natureza? (MENEZES, 1953, p. 49).

Da infância fantástica e triste, povoada de perdas de entes queridos, a escritora comenta sobre os aspectos sinestésicos que se tornaram intensamente poéticos, “recordações maravilhosas”, fáceis de serem rememoradas e revela que não conseguira analisar quais as maiores influências que tivera: se o sentir o mundo através das coisas,

do mundo, dos sentidos ou das pessoas. E relembra poeticamente:

Recordo-me de céus estrelados, tempestades, chuva nas flores, frutas maduras, casas fechadas, estátuas, negros, aleijados, bichos, suínos, realejos, cores de tapete, bacia de anil, nervuras de tábuas, vidros de remédio, o limo dos tanques, a noite em cima das árvores, o mundo visto através de um prisma de lustre, o encontro com o eco, essa música matinal dos sabiás, lagartixas pelos muros, enterros, borboletas, o carnaval, retratos de álbum, o uivo dos cães, o cheiro do doce de goiaba, todos os tipos populares, a pajem que me contava com a maior convicção histórias do Saci e da Mula sem cabeça (que ela conhecia pessoalmente); a avó que me cantava rimances e me ensinava parlandas... (MENEZES, 1953, p. 49).

A descoberta da orfandade é trazida pela escritora em seu livro de memórias em uma cena que se repete duas vezes na narrativa: a cena em que beija a mãe morta. Essa repetição, que pode indicar a importância que ela dava a este fragmento de memória, embora extremamente entristecedor, faz-se com alterações no modo de dizer, às vezes mais extenso, outras, lacônico, mas sempre com imagens de intensa beleza.

Na primeira vez em que a cena aparece no livro, logo no primeiro capítulo, a menina surge brincando com os objetos espalhados por um cômodo, onde estão sendo organizados pela avó e pela ama. Ao brincar com a blusa que pertenceu à mãe, a menina encontra um lençinho bordado de roxo, que faz aflorar a lembrança da mãe, como se a transportasse para o momento vivido no passado.

Certa vez, encontrou também uma blusa cinzenta, com rendas pretas, gola alta, mangas duplas. De bruços, no chão, pôs-se a viajar pelos caminhos das rendas pretas, que eram só flor sobre flor... de repente – de dentro das mangas? De dentro do peitilho? – caiu perto dela um pequeno lenço de seda branca bordado de roxo. Alisou-o com as duas mãos, estendeu-o no assoalho até ficar bem quadrado. E assim ficou. E olhava, olhava. E não era mais ali. Não sabia onde. Num canto de uma casa, um dia, perto de uma parede... Muita gente. Um cheiro diverso... Um ar

⁴ Esta crônica intitulada “A infância” foi publicada originalmente no *Diário de Notícias* e posteriormente compilada no livro *Crônicas de educação* (2001, p. 173),

diverso sobre as coisas. Uma pressa. Levantaram-na nos braços, como tirando-a de dentro do chão. Desviaram um lenço igual àquele! – “Beije a mamãe!” – E beijou um rosto duro e frio. Perto havia uma porta (MEIRELES, 1983, p. 5).

A experiência de Cecília Meireles é composta por elementos e exigências de rituais que despertam suas memórias. Cheiros, falas, pessoas ou um lenço – objeto que pertenceu à mãe, uma pessoa querida, em um tempo passado – remetem a um outro tempo e lugar.

No segundo momento em que a cena surge no livro, é rememorada e recontada com mais detalhes, que não se sabe se são da memória vivida ou da memória ouvida, ou ainda da fantasia da menina em busca de explicações sobre a existência. Através de memórias de passeios que eram feitos com Olhinhos de Gato, dias nos quais havia um cuidado ainda maior com as roupas, os perfumes, o pó de arroz que lhe era passado e os cachos nos cabelos que lhe eram feitos, ela começa a relembrar de um dia em que isso não aconteceu. Havia pressa.

Uma vez, porém, não se cuidou do vestido de tiotês. Havia pressa. Precipitação. E “ahs!” abafados. “Apanha-me as luvas! Valha-me Deus! Valha-me Deus!

Talvez o tempo estivesse encoberto: as nuvens andavam por dentro de casa, iam de um lado para outro, com as pessoas, pousavam em cima dos móveis, boiavam, dilatavam sua tênue cinza.

Depois, foi uma descida pelas pedras úmidas, rente aos muros limosos. Caíam das árvores flores molhadas e pegajosas. Uma, ainda oscilava no ar, num fio de baba. E andava-se, andava-se...

A menina levava no braço o casaquinho vermelho, enfeitado de fitas pretas. “Esta fazenda é muito boa. Aquece muito. Desta fazenda é que se fazem as roupas dos soldados.” “Ah! É?” (A menina tinha uma raiva daquele casaquinho!)

Ficou-lhe a lembrança de um alto portão de ferro, que rangia. De um homem de mangas arregaçadas, movendo-se entre flores. Muitas flores molhadas. Molhos de flores. Rodas de flores. E uma longa escada de mármore, onde a chuva fazia poças. E uma varanda fria.

Ficou-lhe aquela impressão de um cheiro de fogo e de rosas moles. Uma impressão, também, de olhos vermelhos, de lenços torcidos e cabelos desmanchados.

Chegava gente. Limpavam os pés à entrada da porta. As pessoas caíam nos braços umas das outras, e falavam baixinho, nos ouvidos... Alguém dizia, de uma cadeira: “Tão de repente... Tão de repente...”

E ela andava por ali, no meio daquilo.

... Um dia, num canto de uma casa, perto de uma parede... Também assim muita gente... Mas agora já sem rosto, sem corpo... Um cheiro diverso... – este cheiro... Um ar diverso sobre as coisas... – este ar... Levantaram-na nos braços, como tirando-a de dentro do chão. Desviaram um lençinho de seda enfeitado de raminhos roxos. Oh! os raminhos ela está vendo: durinhos, na seda, com folhinhas e flores... “Beije a mamãe.” O rosto era duro e frio. Brilhava. Perto, havia uma porta (MEIRELES, 1983, p. 58).

Nas duas cenas algumas imagens persistem – o cheiro diverso, do úmido, do fogo das velas – e compõem o cheiro da morte que lhe confere o grau de orfandade. As flores do lenço, flores molhadas, ornamentadas, criando metáforas da morte, com seus arranjos fúnebres. Também, a imagem do movimento, do ar diverso, apressado, sem rosto, sem corpo, de muitos sons abafados, de vozes murmuradas, olhos vermelhos e cabelos desmanchados.

O fragmento: “Beije a mamãe” repete-se nos dois excertos. Na primeira cena, a narradora assume a ação e afirma: “E beijou um rosto duro e frio. Perto havia uma porta”. Já no segundo fragmento, há certo distanciamento, dizendo: “O rosto era duro e frio. Brilhava. Perto, havia uma porta”. Há aqui, no primeiro momento, a revelação de que fez parte do ritual de beijar a mãe morta, enquanto o segundo fragmento apenas sugere ao leitor que isso tenha ocorrido. Soa com intensidade a metáfora da possibilidade da fuga através da imagem da porta; entretanto, Olhinhos de Gato fica, permanece imersa no ritual.

Essas cenas, lembradas pela menina, trazem elementos que movem e aguçam nossos sentidos: surgem cheiros, texturas, sabores, sons, sensações visuais e táteis. O cheiro de fogo e de rosas moles ou as nuvens que andavam por entre a casa – tudo nos incita a sentir o cheiro de velas queimando, a fumaça branca se espalhando,

de flores murchas, misturando-se entre pessoas que estão chorosas e sofridas.

As repetições tornam-se refrões no livro e apontam que são várias as facetas da morte. Todas contadas com intenso sentimento, parecendo ser uma incessante dúvida para a existência da menina: Todos morrem? Há algo eterno? Há algo que poderá durar para sempre?

Entre a surpresa e a contemplação, a força e o poder: a morte como sobrevivência

São muitas e várias as mortes encontradas em *Olhinhos de Gato*: de animais, como um cachorro que ela queria muito e uma galinha que é morta pela cozinheira; de pessoas conhecidas: um menino que morava na mesma rua que ela e parecia um anjinho que ela vê no cortejo fúnebre; a mãe; o avô, no quintal da casa, embaixo do cajueiro, entre outras. São modos diversos de uma mesma temática: o medo de que as pessoas que ela ama e deseja imortais, como a avó Jacinta e a ama Pedrina, possam morrer; o temor que tinham de que ela também morresse como os outros; e, por fim, a morte no ciclo da vida e na natureza, ao descobrir que até os dias são de vida e de morte.

Esse modo singular de lidar com tais sentimentos de perda remete às reflexões de Canetti (1983) ligadas à existência de uma força que, segundo ele, cada pessoa adquire por ter, em algum momento, ficado só, por fazer parte de uma espécie de mérito, por ter sido o único da espécie a não ter morrido. “Quanto maior for o monte de mortes diante dos quais alguém se ergue com vida, quanto mais frequentemente se viver esses momentos, tanto mais intensa e mais imprescindível se torna essa necessidade de sobrevivência.” (CANETTI, 1983, p. 255).

Há, no fato de ter sobrevivido, certo sentimento de possuir mais vida dentro de si. A necessidade de sobreviver amplia-se diante das mortes, como um momento de poder: é a sensação de estar vivo. E daqui também, talvez derive o sentimento de não se importar em perder ou ganhar – já ganhara o mais importante: a Vida; e vencera o maior inimigo: a Morte. E a transitoriedade a acompanha: tudo e todos vão passar.

Há diversas cenas de *Olhinhos de Gato* em que a menina brinca entre as roupas e as coisas de sua mãe, já morta, e é a partir dessas pequenas coisas que ela rememora e reúne pequenos fragmentos de sua memória despedaçada. Muitos são os momentos em que se relembra brincando com trapinhos de seda, pedaços de fita, restos de renda, pedaços de pequenos objetos que se tornam um encontro com as memórias que vão compondo sua história.

Para Canetti (1983), “Tudo que o pai deixa fortalece o filho”. Assim, a memória de Cecília foi fortalecida pelos elementos deixados pela mãe: além dos pequenos objetos, roupas, joias, frascos de remédio, lembranças ouvidas das pessoas que a visitavam ou que viviam com ela. Assim, há uma concretude da morte tanto nos objetos deixados pela pessoa que se foi, como nos gestos, nos cheiros e nas falas instalados na memória.

Na obra *Olhinhos de Gato* há uma sugestão de que, na família, a mãe e os outros irmãos morreram devido à doença (peste). O livro inicia-se com Cecília delirante na cama, sendo cuidada. No início do século XX, a peste rondava o Rio de Janeiro. Existia uma preocupação em sobreviver e em cuidar. Canetti (1983) afirma que, ao sobreviver à peste, existe uma sensação de invulnerabilidade muito maior do que com as mortes esporádicas. Há uma trama de relações: a avó de Cecília perde a filha, o que não é esperado, enquanto Cecília perde a mãe, o que, embora seja a ordem “mais esperada”, como ela ainda era criança, é uma perda que nos choca. Existe aqui um lamento e uma satisfação. Avó e neta sobrevivem. Duas sobreviventes que viverão juntas uma relação de extremo afeto.

Havia uma mistura de temor e de alegria dos familiares e amigos ao ver a menina Cecília. Um temor de que a morte também a desejasse e uma satisfação por ela estar viva.

Uma satisfação mais moderada e encoberta é derivada do morrer esporádico dos homens. Trata-se de parentes e amigos. Ninguém mata pessoalmente, ninguém se sente agredido. Não se coopera em coisa alguma, mas espera-se a morte do outro. Os mais jovens sobrevivem aos mais velhos, o filho ao pai (CANETTI, 1983, p. 275)

Como portadores de uma perda, eles se lamentam; como sobreviventes, eles vivenciam uma espécie de satisfação (CANETTI, 1983, p. 292).

A própria Cecília tem essa sensação de sobrevivência não só dela e da avó, mas também de Có, que permanece na mesma casa que elas.

Boquinha de Doce, Có e ela eram, na verdade, as únicas sobreviventes naquela imensa casa dos retratos, de habitantes mortos e parados entre móveis complicados, vasos de bronze e cestas de flores (MEIRELES, 1983, p. 68).

Havia um luminoso pasmo. O silêncio dizia: “Parece mentira que não tenha morrido! COMO OS OUTROS” (MEIRELES, 1983, p. 83).

Em muitas páginas de *Olhinhos de Gato* aparecem imagens em que a sobrevivência da menina é lembrada, às vezes, com certa surpresa ou contemplação.

E a mulher, vendo-a passar, interrompe sua dor, e murmura: “Como está crescendo! Graças a Deus que escapou! Deus lhe dê boa sorte!” e põe-se de novo a chorar (MEIRELES, 1983, p. 15).

Ninguém sabe por que, o homem traz também folhas de laranja-da-terra, de guaco e erva-de-santa-maria. Ele, porém, explica: “A menina podia estar doente. Lembrei-me de trazer estas coisas, que são um santo remédio...” Mas antes assim, que não estava doente. Aquela parece que escapava, mesmo! Suas palavras vinham com laços de alegria (MEIRELES, 1983, p. 15).

E a menina vai andando, hein? – perguntava meio admirada de não haver notícias ruins. Que havia de dizer que se salvava! – É verdade... (MEIRELES, 1983, p. 16).

“Ah! Não sei como ainda tenho esses olhos na cara!” Os outros replicam: “Mas é mesmo! Quanta coisa! E tudo assim ao mesmo tempo!” Ela sacudia a cabeça com os olhos úmidos. “Ficar assim sem nada, de uma hora para outra!” E suas mãos abriam-se como no meio de um deserto. “É verdade! – tornavam – E só a meninazinha ficou!”

Olhavam para a criança, faziam-lhe festas. E murmuravam: “Benza-a Deus. Está bem gordinha! Ela não tem uma figuinha no cordão?” (MEIRELES, 1983, p. 17).

A sobrevivência da menina é contemplada e admirada. Aqui também se adquire certo poder: foi-lhe escolhida a Vida e não a Morte. E

quem escolhe é Deus, a quem suplicam coisas boas para a menina. Juntamente à alegria de tê-la viva estava o medo de perdê-la. O medo de que a menina morresse como os outros fazia com que não a deixassem brincar com as outras crianças. Brincava sozinha pelo quintal da casa, sempre solitária, pois as doenças poderiam assolar novamente o lar.

Não a deixam ir porque há sarampos, coqueluches, perebas... “É a morte na certa! Esticas a canela que nem se tem tempo de chamar o doutor da mula ruça” (MEIRELES, 1983, p. 66).

A cada instante lhe examinavam a sola dos sapatos: não acontecesse andar com os pés molhados. Mas também com o sol tinham cuidados especiais: podia morrer de insolação... Se começava a escurecer traziam-na depressa para casa: porque há o sereno, que infiltra doenças mansamente, pela cabeça. Se faz luar grande, fecha-se a janela, porque essa fria luz estraga a vida. “Tudo faz bem, mas só até certo ponto” (MEIRELES, 1983, p. 80).

Uma infância zelada, protegida, cuidada, porque fora a única que sobrevivera. Não se podia perder também essa: tão meninazinha, crescendo, gordinha.

Na entrevista a Menezes (1953), ainda ao contar sobre sua infância, a poetisa afirma que a solidão, embora pudesse parecer negativa, foi positiva para sua vida:

Minha infância de menina sozinha deu-me duas coisas que parecem negativas, e foram sempre positivas para mim: silêncio e solidão. Essa foi sempre a área da minha vida. Área mágica, onde caleidoscópios inventaram fabulosos mundos geométricos, onde os relógios revelaram o segredo do seu mecanismo, e as bonecas o jogo do seu olhar (MENEZES, 1953, p. 49).

A sombra da morte fez com que Cecília fosse essa criança cuidada, protegida, mas também solitária. E a Morte intrigava a menina que questionava incansável na conversa com a avó, que desviava o assunto:

– E você vai morrer?

– Olha os pombos! Olha os pombos! Olha o pardalzinho, olha, que bonito!

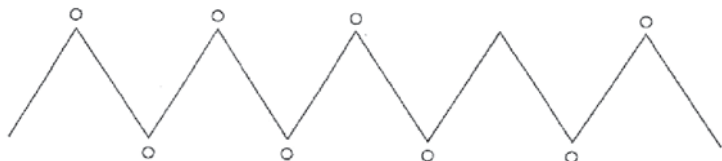
- Hein? Você também vai morrer? Diz!
- Maria Maruca vai passando com uma braçada de roupa.
- Arre, que raça de perguntadeira! Ninguém vai morrer, aqui, não. Aqui todos vão ficar para semente!
- Olha o pardalzinho... E olha os pombos de novo... olha os pombos!
- Fala! Você também vai morrer? (MEIRELES, 1983, p. 74).

No diálogo com a avó e a insistente pergunta, parece haver as contradições da vida que marcam o texto de memórias de Cecília. Ao mesmo tempo que tentam algumas vezes protegê-la da lembrança da morte, a morte mostra-se todo o tempo: na memória, na vida cotidiana, na natureza, em tudo. Não se fala sobre a morte neste momento em que ela questiona, mas permite-se que ela veja a mãe morta e a beije, em despedida; contam-lhe a história da morte do avô; acorram-na para que veja o cortejo fúnebre, entre outras cenas similares.

A descoberta de algo que não acaba: a morte como superação

Olhinhos de Gato vivia o luto, a tristeza e a solidão. Em meio a suas reflexões sobre a morte, buscava algo que tivesse o sentido de permanência, que não morresse nunca. E o encontra em três momentos no livro, todos acompanhados da figura do zigue-zague, como um encontro entre o contado e o visualizado. O primeiro momento é o descobrimento do desenho invisível em forma de zigue-zague que faz na parede com o dedo. O segundo é perceber a imagem nos bordados, rendas e ponto russo, com sua secreta magia. O terceiro momento é a descoberta do mesmo desenho nas costuras feitas por Có, uma das agregadas da casa, que segurava a mão de Cecília enquanto a menina adormecia.

Quase adormecido, o dedo da menina caminha pela parede assim:

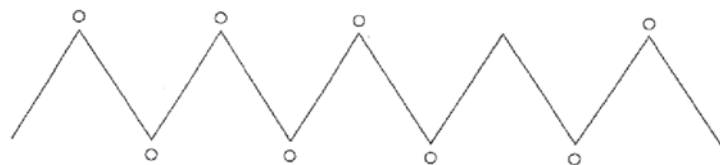


Ela mesma não sabe como foi: ela descobriu com surpresa uma coisa que não acaba.

E dorme tranquila, com esse descobrimento (MEIRELES, 1983, p. 20).

Os bordados, as rendas, o ponto russo, tinham, para a menina, uma secreta magia. Podiam repetir-se interminavelmente, figura sobre figura. Não acabavam nunca. Sempre, um elefante, outro elefante... E ela pensava no número com uma intraduzível esperança. Há coisas, então, que não acabam? Há coisas que não morrem... Pode ser? É o número que mata a morte. Sempre que se acrescenta mais um, o que não tinha parado continua. Na verdade, assim não há fim.

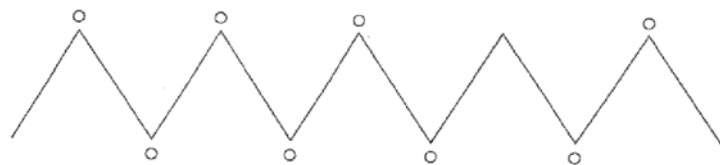
Oh! isso já estava no desenho inventado pela sua mão, e que ela repetia com os lápis nos papéis, e a ponta do dedo nas paredes:



Conversavam sobre pregas, babados, colchetes – e com saudade e alívio recordavam entretelas e barbatanas.

Assim falando, iam metendo a criança nas calcinhas novas. “Está bar-rigudinha”, Cadê o umbiguinho dela?” Viravam-na para um lado e para o outro.

Pois não é que Có sabia fazer pela beira das calcinhas aquele desenho com linha vermelha que não acabava nunca?



(MEIRELES, 1983, p. 44).

As observações da permanência de algumas coisas, em especial o desenho na parede, que foi a primeira descoberta, possibilitaram a Cecília buscar outras coisas infindáveis, encontrando os bordados e as costuras, mas todas remetiam à primeira descoberta, de maior valor por ter sabor de novidade, para garantir-lhe o infinito, o interminável. E que, posteriormente, a fez perceber que suas próprias mãos podiam desenhar, escrever algo que permanecesse, sobre o qual ela tinha domínio e poder.

A busca por algo que fosse imortal permite à Cecília inscrever a palavra, a escrita, como uma das formas de permanência, como parte de uma área mágica de sua vida, aquela que surgiu com o silêncio e a solidão, e onde surgiram seus próprios livros, “que não são mais do que o desenrolar natural de uma vida encantada com todas as coisas, e mergulhada em solidão e em silêncio tanto quanto possível.” (MENEZES, 1953, p. 49).

Ela reconhece a palavra como uma maneira de ver a vida e como forma de eternidade. Coloca na palavra a possibilidade de permanência, de imortalidade, como lemos no poema “Além das paredes, dos móveis” (2001, p. 1.809).

Além das paredes, dos móveis,
principalmente o espelho,
principalmente o relógio,

além das portas com seus caminhos
além das janelas com seu pensar

estão as palavras.

As palavras pousadas aqui e ali,
sem poeira.
Límpidas, nítidas, como objetos de ouro.

Sobre elas amanhece e anoitece.
São invulneráveis.
Fiéis a si mesmas.

As palavras não morrem.
Tão leves e cheias de eternidade.

E assim estão ao redor de nós,
com sua substância,
e há dentro delas eternos olhos
que nos fitam.

Nesse poema, a menina de olhinhos de gato, já no fim de sua vida, através da palavra escrita eterniza que, para além das coisas materiais, como as paredes e os móveis, que são concretas e acabam com o tempo, “as palavras não morrem”. São cheias de eternidade, são límpidas, eternas, invulneráveis, fiéis a si mesmas. Têm um ciclo: amanhecem e anoitecem, sem se corromper, vencem o tempo. São invulneráveis. São substâncias e possuem eternos olhos que nos fitam.

O eterno e o imortal através da escrita: algumas considerações

Para Certeau (1994), a escrita tem uma relação intrínseca com a morte. O escritor encaminha-se para a própria morte; é a imagem do moribundo que precisa ou procura falar. Escreve com a esperança de que o leiam, e de que assim não morra e possa se tornar imortal. “[...] na morte seus passos inscrevem em uma página negra (e não em branco), ele sabe, pode dizer o desejo que espera do outro o excesso maravilhoso e efêmero de sobreviver numa atenção que ele altera.” (CERTEAU, 1994, p. 303).

Canetti (1983), num discurso que se aproxima ao de Certeau, afirma que, ao entrarmos em contato com os escritos dos já mortos, entramos em contato com eles, tornamo-los vivos, alimentando-nos deles.

Quem, porém abrir um volume de Stendhal torna a encontrá-lo juntamente com tudo o que o rodeava, e o encontra aqui nesta vida. Assim, os mortos se oferecem aos vivos como o mais nobre de todos os alimentos. Sua imortalidade acaba sendo proveitosa para os vivos; nesta reversão da oferta aos mortos, todos acabam sendo beneficiados. A sobrevivência

perdeu seus aspectos negativos e o reino da inimizade chega ao fim (CANETTI, 1983, p. 309).

Abrir um livro escrito por alguém que já morreu nos permite entrar em contato com o autor, com suas ideias e seu mundo. É a oferta que o já morto faz ao que ainda está vivo, oferece-lhe o escrito como uma reversão da oferta e permite o encontro com o que é imortal.

Opta-se pela companhia daqueles aos quais irá se pertencer um dia; a companhia de todos os que são autores de obras lidas ainda hoje; daqueles que falam conosco, dos quais nos nutrimos. A gratidão que se sente em relação a eles é uma gratidão pela própria vida (CANETTI, 1983, p. 309).

Continuamos a ler por também desejarmos o sentido da imortalidade. Queremos que aqueles que já estavam mortos quando nascemos continuem vivos, continuem entre nós, até um dia estarmos entre eles. Buscamos-los, como que numa espécie de gratidão, agradecendo o alimento intelectual e espiritual que nos é oferecido por eles.

E, como escreveu Cecília Meireles, povoamo-nos do outro, do que já viveu, através da leitura que fazemos dele e transbordamo-nos de sua eternidade:

Esta noite lerás os poemas de todos os poetas que já viveram. Tua voz será dócil e bela, oscilando a todos os ritmos como um ramo carregado de flores. E a noite se transformará quando fores falando, povoando-se de astros maiores, transbordantes de eternidade. (MEIRELES, 2007, p. 105).⁵

Referências bibliográficas

CANETTI, E. O sobrevivente. In: *Massa e poder*. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Editora UNB, 1983.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MENEZES, Fagundes de. Silêncio e solidão – dois fatores positivos na vida da poetisa. *Revista Manchete*, Rio de Janeiro, 3 out. 1953.

MEIRELES, C. *Olhinhos de Gato*. São Paulo: Moderna, 1983.

_____. *Cecília Meireles: poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. v. 1-2.

_____. A infância. Publicado no *Diário de Notícias*, 20 dez. 1930. In: *Crônicas de educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. v. 1.

_____. O testemunho dos mortos. *O Jornal*, 3 mar. 1930. In: *Episódio humano*. Rio de Janeiro: Desiderata; Batel, 2007. Publicado originalmente n' *O Jornal*, 3 mar. 1930.

NEVES, M. S. Paisagens secretas: memórias da infância. In: *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro: Loyola, 2001.

Recebido em novembro de 2008 e aprovado em janeiro de 2009.

⁵ Excerto da crônica “O testemunho dos mortos”, publicada originalmente no *O Jornal*, em 3 de março de 1930.